

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão
da Educação Brasileira 4



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da
Educação Brasileira 4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A945	<p>Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 4 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 4)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-461-0 DOI 10.22533/at.ed.610191007</p> <p>1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 379.981</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
(DES) CAMINHOS DA AVALIAÇÃO DA QUALIDADE NOS CURSOS DE PEDAGOGIA NO BRASIL	
Jeferson Saccol Ferreira	
Elisa Christina Ferreira	
Júlio Alex Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.6101910071	
CAPÍTULO 2	22
A “COLA” NA AVALIAÇÃO DO ENSINO E APRENDIZAGEM NA VISÃO DE ALUNOS(AS) NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO SÃO SEBASTIÃO, APUIARÉS-CE	
Ivan Costa Lima	
Fabiana Almeida de Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.6101910072	
CAPÍTULO 3	36
A AUTOAVALIAÇÃO COMO FERRAMENTA DE ESTÍMULO AO CRESCIMENTO PESSOAL E DE GRUPOS DE TRABALHO	
Bruna Larissa Maganhe	
Ana Luiza Carvalho de Oliveira Galvão	
Henrique Cancian	
Carmo Gabriel da Silva Filho	
Gustavo Cardoso Lima	
Nathalia Tami Nishida	
Iago Vinícius Teodoro Carraschi	
Bianca Freire Bium	
Bruna Alves Malheiros	
Mellory Martinson Martins	
Roberto Ruy Mendes de Araújo Filho	
Marcelo Machado De Luca de Oliveira Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.6101910073	
CAPÍTULO 4	40
A COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO DAS FACULDADES PRIVADAS DO SUL CATARINENSE	
Kelli Savi da Silva	
Antonio Serafim Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.6101910074	
CAPÍTULO 5	52
REFLEXÕES SOBRE O PROJETO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL DE UMA UNIVERSIDADE MULTICAMPI: O CASO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA	
Rafael Martins Sais	
DOI 10.22533/at.ed.6101910075	

CAPÍTULO 6 63

A UTILIZAÇÃO DE ATIVIDADES PRÁTICAS PARA MELHORAR O DESEMPENHO DE ALUNOS NA PROVA BRASIL

Elenise Neuhaus Diniz
Carine Girardi Manfio
Carla Loureiro Alves Kleinubing
Felipe Klein Genz
Welington dos Santos Ruis

DOI 10.22533/at.ed.6101910076

CAPÍTULO 7 69

ARTICULAÇÃO ENTRE AVALIAÇÃO E PLANEJAMENTO INSTITUCIONAL NA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Walterlina Brasil
Clésia Maria de Oliveira
Aline Andriolo

DOI 10.22533/at.ed.6101910077

CAPÍTULO 8 82

AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL, SISTEMAS DE GESTÃO DE INFORMAÇÃO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Maytê Cabral Mesquita
Maria Carolina Tomás
Kleber Jacques Ferreira de Souza
Leandro Figueira Lessa

DOI 10.22533/at.ed.6101910078

CAPÍTULO 9 93

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DOS CONTEÚDOS ESCOLARES: UMA ANÁLISE INTERPRETATIVA PELO OLHAR DAS TEORIAS CRÍTICAS

Deli Vieira Silveira
João Luiz Gasparin

DOI 10.22533/at.ed.6101910079

CAPÍTULO 10 106

AVALIAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: INDICADORES E MAPEAMENTO DE PROCESSOS

Guilherme Krause Alves
Luciane Stallivieri
Rogério da Silva Nunes

DOI 10.22533/at.ed.61019100710

CAPÍTULO 11 119

AVALIAÇÃO DA PESQUISA DESENVOLVIDA NA UFSC EM PARCERIA COM AS SUAS FUNDAÇÕES DE APOIO

Carla Cerdote da Silva
Alexandre Marino Costa
Lilian Wrzesinski Simon
Alexandre Moraes Ramos

DOI 10.22533/at.ed.61019100711

CAPÍTULO 12	136
AVALIAÇÃO DE COTISTAS E NÃO COTISTAS: UMA ANÁLISE DO DESEMPENHO ACADÊMICO E DA EVASÃO EM UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO	
Amália Borges Dário Rogério da Silva Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.61019100712	
CAPÍTULO 13	155
AVALIAÇÃO DE CURSOS E INSTITUIÇÕES: SISTEMA OU PROCESSO?	
Jacqueline Oliveira Lima Zago Vinícius Silva Flausino	
DOI 10.22533/at.ed.61019100713	
CAPÍTULO 14	166
AVALIAÇÃO DO ENSINO DA SUSTENTABILIDADE NOS MELHORES CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA CIVIL DO BRASIL	
Juliana Ferreira Bezerra Moccock Felipe Guilherme de Oliveira Melo Ângela Tainá da Silva Monteiro Clarissa Nogueira Pessoa Isabela Nascimento Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.61019100714	
CAPÍTULO 15	183
AVALIAÇÃO FORMATIVA DOCENTE E DISCENTE EM DIFERENTES CONTEXTOS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR E PROFISSIONAL: UMA REFLEXÃO COMPARATIVA	
Fernanda Sprada Lopes Silvana Mara Bernardi Rizotto Ivo José Both	
DOI 10.22533/at.ed.61019100715	
CAPÍTULO 16	189
INSTRUMENTOS PARA A AVALIAÇÃO DA QUALIDADE EM INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS	
Carin Carvalho Brugnara	
DOI 10.22533/at.ed.61019100716	
CAPÍTULO 17	203
NOVA PERSPECTIVA DE AVALIAÇÃO NAS LICENCIATURAS: A CONFECÇÃO E APLICAÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS	
Ezequias Cardozo da Cunha Junior Augusto Helberty Silva	
DOI 10.22533/at.ed.61019100717	
CAPÍTULO 18	211
O AMBIENTE ESCOLAR: A RELAÇÃO ENTRE O ESPAÇO EDUCACIONAL E A APRENDIZAGEM	
Humberto Torres Gonzales	
DOI 10.22533/at.ed.61019100718	

CAPÍTULO 19	217
POLÍTICAS PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR E EVOLUÇÃO DE INDICADORES DE QUALIFICAÇÃO DOCENTE ENTRE 1995 E 2013: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO	
Alexandre Ramos de Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.61019100719	
CAPÍTULO 20	235
REFLEXÃO NARRATIVA E ANÁLISE DA MINHA PRÁTICA COMO DOCENTE	
Rubens Paulo Santos	
DOI 10.22533/at.ed.61019100720	
CAPÍTULO 21	251
RELAÇÃO DOS INDICADORES DE AVALIAÇÃO COM <i>PERFORMANCE</i> : O CASO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR COMUNITÁRIAS	
Jênifer de Brum Palmeiras	
Denize Grzybovski	
DOI 10.22533/at.ed.61019100721	
CAPÍTULO 22	271
TECNICAS MISTAS DE COLETA DE DADOS EM PESQUISA QUALITATIVA. PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS AVALIATIVAS DOS PROFESSORES ESPECIALISTAS DA UNNE	
Rocio Mariel Obez	
Laura Isabel Avalos Olivera	
Marlene Soledad Steier	
Milena María Balbi	
DOI 10.22533/at.ed.61019100722	
CAPÍTULO 23	284
USO DE ABORDAGEM QUALITATIVA EM PROCESSO DE AUTOAVALIAÇÃO DE CURSOS DE GRADUAÇÃO	
Neide Aparecida de Souza Lehfeld	
Edilson Carlos Caritá	
Manoel Henrique Cintra Gabarra	
Carlos Eduardo Saraiva Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.61019100723	
CAPÍTULO 24	294
POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: FLUÊNCIA TECNOLÓGICO-PEDAGÓGICA NA REDE E-TEC BRASIL UFSM	
Sabrina Bagetti	
Alessandro Carvalho Miola	
Elena Maria Mallmann	
DOI 10.22533/at.ed.61019100724	
SOBRE O ORGANIZADOR	309

AVALIAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: INDICADORES E MAPEAMENTO DE PROCESSOS

Guilherme Krause Alves

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Programa de Pós-Graduação em Administração
Universitária
Centro Sócioeconômico
Florianópolis – Santa Catarina

Luciane Stallivieri

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Programa de Pós-Graduação em Administração
Universitária
Centro Sócioeconômico
Florianópolis – Santa Catarina

Rogério da Silva Nunes

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Programa de Pós-Graduação em Administração
Universitária
Centro Sócioeconômico
Florianópolis – Santa Catarina

RESUMO: O trabalho trata da internacionalização da educação e tem por objetivos discutir indicadores de avaliação e mapear o processo de formalização de acordos de cooperação internacional realizados na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A partir do modelo proposto por Rudzki (1998), o processo de formalização de acordos de cooperação internacional da instituição foi mapeado e transposto para um fluxograma utilizando-se técnicas de *Business*

Process Management (BPM) e *Business Process Modelling Notation* (BPMN). Apesar da necessidade de estabelecer indicadores e parâmetros de avaliação, observou-se que os processos de internacionalização estão formalizados e atendem ao proposto por Rudzki (1998) até o terceiro estágio de seu modelo.

PALAVRAS-CHAVE: Internacionalização. Educação Superior. Indicadores.

ABSTRACT: The work deals with the internationalization of higher education and aims to discuss evaluation indicators and map the process of formalizing international cooperation agreements signed by the Federal University of Santa Catarina (UFSC). Based on the model proposed by Rudzki (1998), the process of signing international cooperation agreements of the Institution has been mapped and transposed to a flowchart using Business Process Management (BPM) and Business Process Modelling Notation (BPMN). Despite the need to establish indicators and parameters of evaluation, it was observed that internationalization processes are formalized and meet the model proposed by Rudzki (1998) to the third stage of his model.

KEYWORDS: Internationalization. Higher Education. Indicators.

1 | INTRODUÇÃO

A internacionalização da educação superior ocorre desde a idade média (TEICHLER, 2003), mas foi a partir do final do século XX, com a assinatura da Declaração de Bolonha (UNIÃO EUROPEIA, 2015) que as instituições de educação superior perceberam sua importância nos desafios propostos para o novo milênio (UNESCO, 2003).

É importante a compreensão dos processos como forma de reflexão de como o fenômeno ocorre e como intervir, direcionando-o a resultados desejados. Tendo em vista a relevância do assunto, o presente trabalho tem por objetivo demonstrar de que forma funciona o processo de formalização de um acordo de cooperação internacional entre uma instituição pública federal de ensino superior e outras instituições de ensino superior estrangeiras, mediante o mapeamento das tarefas deste processo.

2 | INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

A internacionalização da educação superior, conforme a UNESCO (2003, p. 154) é entendida

como um conceito amplo, muito abrangente, que pode envolver a cooperação internacional, mas se refere também a mudanças que ocorrem dentro de uma determinada instituição, através de iniciativas políticas e de caráter específico. (UNESCO, 2003, P.154).

Gacel e Ávila (2008) afirmam que internacionalização é uma resposta construída pelos atores universitários para se integrar à globalização de maneira proveitosa. Ortiz (2004) acrescenta que, nos Estados Unidos, esse movimento se intensificou com a percepção de que existe uma necessidade dos estudantes se adaptarem à economia global, em especial os estudantes de negócios.

Tradicionalmente, as universidades procuram a internacionalização da pesquisa, considerando seu caráter de produtora de conhecimento, pois o ensino costuma ter um controle maior por parte do estado e nem sempre possui a autonomia necessária à promoção da internacionalização (MOROSINI, 2006).

Para Knight (2015, p. 2), “internacionalização da educação superior é o processo de integração das dimensões internacional, intercultural ou global para atingir as metas, funções e entrega de educação”. “A internacionalização não deve ser um fim, mas um meio para melhorar ou alcançar os objetivos acadêmicos da instituição ou metas socioculturais, econômicas ou políticas do país ou região”. (HUDZIK, 2015, p. 24).

Em 1999, a Declaração de Bolonha, assinada inicialmente por trinta países europeus, representou um marco para o desenvolvimento da internacionalização da educação superior. A Declaração busca

introduzir um sistema de graus acadêmicos facilmente reconhecíveis e comparáveis,

promover a mobilidade dos estudantes, dos professores e dos investigadores, assegurar a elevada qualidade da docência e incorporar a dimensão europeia no Ensino Superior (UNIÃO EUROPEIA, 2015).

Na Conferência Mundial Sobre Educação Superior +5, foi discutido o processo de internacionalização da educação superior. (UNESCO, 2003) Na Conferência, foram expostos fatores que incrementam a internacionalização da educação superior, quais sejam:

1. A percepção da importância do conhecimento para o bem-estar econômico, social e cultural da sociedade em todo o mundo (a sociedade do conhecimento).
2. Integração e aplicação das Tecnologias de Informação e Comunicação aos processos de aprendizado, ensino e pesquisa.
3. Pressões e demandas para que as instituições de educação superior preparem graduados, formando-os para trabalhar em um contexto internacional.
4. Mobilidade cada vez mais fácil de pessoas com alta qualificação, criando um mercado de trabalho competitivo para trabalhadores científicos e acadêmicos.
5. Redução ou estagnação do financiamento público da educação superior na maioria dos países, sem um declínio na demanda de acesso a essa educação.
6. Aumento da pressão para a diversificação das fontes de financiamento, que alimenta a comercialização da educação, inclusive em nível internacional.
7. O advento de novos supridores e inovadores no fornecimento do conhecimento da educação superior (UNESCO, 2003, p. 160).

Para Hudzik (2015), o surgimento de formas mais estratégicas e abrangentes de execução da internacionalização da educação superior, a expansão da capacidade de pesquisa e do ensino superior são fatores para o aumento das colaborações internacionais. Segundo Hagenmeier (2015), há uma necessidade de formação de profissionais que possam exercer suas profissões em diferentes contextos culturais.

Silva (2007) apresenta que a cooperação internacional é a melhor forma para alcançar objetivos comuns no mundo globalizado, pois abre janelas de oportunidade para países em desenvolvimento. Os benefícios da cooperação são: compartilhamento de custos, acesso à experiência, tecnologia e instalações. A cooperação pode também ocorrer para estreitar relações políticas, exercer influência sobre parceiros e demonstrar liderança. No entanto, há o risco de perder a liberdade de ação, aumento da complexidade gerencial e são citadas como desvantagens: (i) transferência tecnológica de maneira indesejada, (ii) ajuda involuntária em criar ou fortalecer futuros competidores e (iii) riscos políticos caso a cooperação falhe.

Outra discussão é a mercantilização da educação, onde a internacionalização é vista como um meio. Para Jooste (2015), algumas universidades buscam aumentar sua presença em outros países, principalmente no hemisfério sul do planeta, objetivando

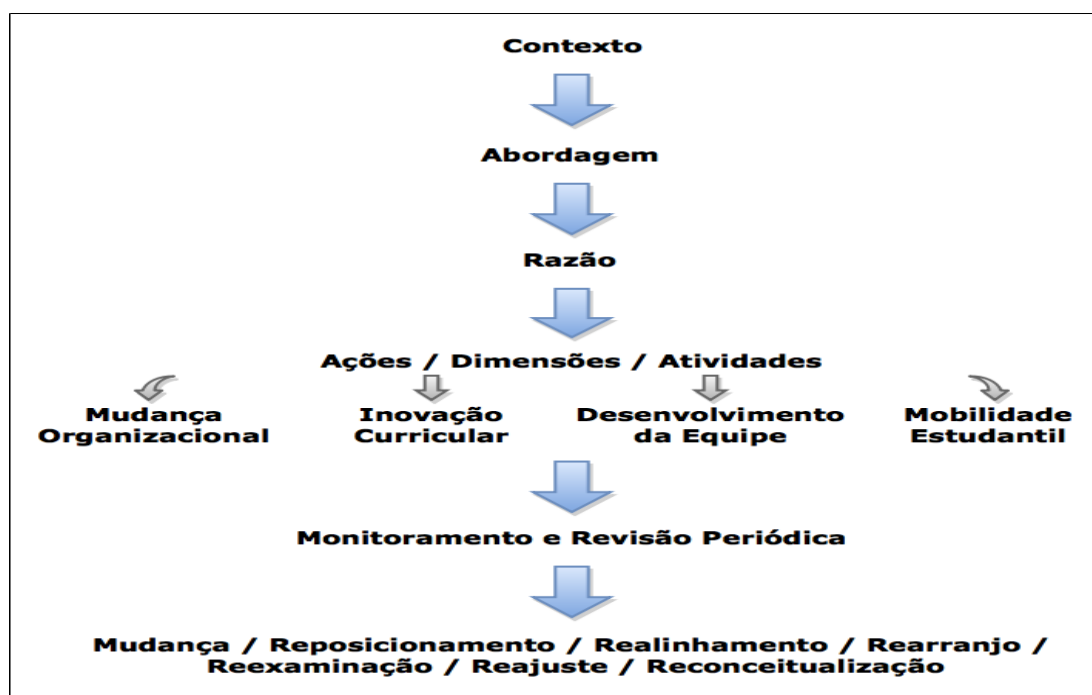
o crescimento de sua presença e de seu lucro. Leite e Genro (2012) afirmam que o modelo de internacionalização atual, baseado no Processo de Bolonha, é uma forma de dominação por parte dos países desenvolvidos. Os objetivos seriam a exportação da educação superior e a disseminação de valores e conhecimentos direcionando as políticas educacionais conforme os interesses dos países dominantes.

Beelen (2015) critica o foco excessivo nos meios, desconsiderando indicadores de qualidade, e afirma que a falta de clareza dos conceitos relacionados à internacionalização da educação superior é um obstáculo em sua implementação.

Para Rudziki (1998), há diversas etapas no processo de internacionalização. A primeira é a avaliação do contexto, verificando se há interesse institucional e apoio nacional necessário para seguir com o processo, com políticas de fomento.

Na segunda, são verificados aspectos como histórico e cultura das instituições, bem como suas prioridades, missão e percepção com relação a propósitos e benefícios. Na terceira, serão verificadas as razões para prosseguir no processo, as demandas e razões políticas e/ou econômicas para adoção da internacionalização.

Em Ações/Dimensões/Atividades é onde ocorrem as mudanças, concebidas em quatro dimensões: Mudança Organizacional, Inovação Curricular, Desenvolvimento da Equipe e Mobilidade Estudantil. No Monitoramento e Revisão Periódica, está o acompanhamento das ações e *feedback*, a fim de verificar se o processo está ocorrendo de forma adequada. Também deve ocorrer a revisão das práticas, descrito por Rudzki (1998) como melhoria contínua da qualidade, mediante a avaliação do processo. Ao final, são realizadas as mudanças necessárias, a partir das possíveis falhas identificadas na etapa anterior, garantindo desta forma um ciclo de adaptação do ambiente externo e interno da instituição e a continuidade do processo. O modelo, com suas etapas, está apresentado na Figura 2.



O ambiente acadêmico tem sido desafiado pelas possibilidades de interação com outros países. Agências internacionais, iniciativa privada e governo têm fomentado recursos e sinalizado para o desenvolvimento de uma cultura de internacionalização, com reflexos na sociedade brasileira em geral e é fundamental um efetivo monitoramento das ações, avaliando-as com indicadores específicos. (DAL-SOTO et al., 2013)

3 | AVALIAÇÃO E INDICADORES

A Associação Nacional de Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior – ANDIFES (2012), ao tratar da expansão da educação superior no Brasil, colocou metas quantitativas no Plano Nacional de Educação (PNE) do período 2011/2020. Há a preocupação com reestruturações que proporcionem maior mobilidade estudantil, trajetórias de formação flexíveis, redução da evasão, utilização adequada de recursos humanos e materiais, bem como proporcionar aos estudantes formação interdisciplinar, formação humanista e desenvolvimento do espírito crítico. As universidades, ao interagirem com suas congêneres de melhor qualidade, tem na internacionalização um dos norteadores do plano de expansão da educação brasileira.

Com relação a avaliação dos processos de internacionalização, ANDIFES (2013) coloca que deve ser avaliada através de:

1. Estabelecimento de convênios guarda-chuva entre Ministérios da Educação e Chancelarias/Ministérios de Relações Internacionais;
2. Adesão oficial das instituições interessadas;
3. Abertura de editais para projetos específicos de intercâmbio, prevendo equipes, anuência das comunidades, objetivos, métodos e formas de avaliação;
4. Definição de contrapartidas financeiras e estruturais no termo de convênio;
5. Intercâmbio de equipes de acordo com os recursos disponibilizados;
6. Períodos de intercâmbio compatíveis com os objetivos do programa;
7. Compromisso de continuidade das ações das equipes;
8. Atenção aos processos preparatórios (domínio da língua do país, instrumentalização com relação a geografia, história, cultura, política, pontos fortes e fracos e resultados obtidos e esperados).

A Universidade de São Paulo – USP (2009), ao estabelecer uma política de internacionalização, definiu como indicadores: convênios, parcerias e intercâmbios estudantis estabelecidos; visitas e/ou estágios no exterior; visitantes acolhidos; alunos envolvidos em programas de intercâmbio; captação de recursos para organização de eventos internacionais, intercâmbio acadêmico docente e estudantil; projetos com

parcerias internacionais; bolsas de estudo para fins de intercâmbio acadêmico docente e estudantil; participações em eventos; trabalhos publicados em veículos internacionais; projetos de pesquisa conjuntos; e financiamentos recebidos por projetos conjuntos.

Veiga (2011) propõe a construção de indicadores de avaliação da internacionalização em universidades divididos em três grupos: ensino/aprendizagem, investigação e cooperação (QUADRO 1).

Indicadores de ensino-aprendizagem	Nº de docentes <i>outgoing</i> /nº total de docentes
	Nº de docentes <i>incoming</i> /nº total de docentes
	Nº de estudantes <i>outgoing</i> /nº total de estudantes
	Nº de estudantes <i>incoming</i> /nº total de estudantes
	Nº de funcionários não docentes <i>outgoing</i> /nº total de funcionários não docentes
	Nº de funcionários não docentes <i>incoming</i> /nº total de funcionários não docentes
	Montante de fundos atribuídos para mobilidade no ano em análise/orçamento total da IES no mesmo ano.
	Nº de funcionários alocados no gabinete de mobilidade/nº total de funcionários não docentes
	% de cursos que contemplam pelo menos uma disciplina em inglês
	Nº de disciplinas lecionadas em inglês/nº de cursos
	Nº de estrangeiros docentes/nº total de docentes
	Nº de estudantes estrangeiros/ nº total de estudantes
	Sítio na internet em inglês
	A IES tem em funcionamento o EILC (Erasmus Intensive Language Course)
Indicadores de investigação	Nº de doutorados por IES internacionais/nº de doutorados
	Nº de publicações em revistas científicas internacionais com afiliação nas IES
	Nº de investigadores bolsistas em unidades de investigação da IES
	Nº de patentes registradas internacionalmente
	Nº de reuniões científicas internacionais realizadas
	Nº de projetos de investigação científica realizadas em consórcio com IES
	Nº de projetos de investigação financiados internacionalmente/nº de projetos)
Investigadores de cooperação	Nº de parceiros para mobilidade (Erasmus)
	Nº de graduações conjuntas com IES internacionais
	Participação na EUA (<i>European University Association</i>)
	Participação na LERU (<i>League of European Research University</i>)

QUADRO 1: INDICADORES DE INTERNACIONALIZAÇÃO

FONTE: adaptado de Veiga (2011, p.52).

Com as métricas disponíveis, é possível estabelecer uma avaliação dos processos de internacionalização, embora esta requeira o estabelecimento de parâmetros que qualifiquem a gestão dos processos na IES. A discussão a este respeito ainda é insipiente.

4 | ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para a execução da pesquisa, foi construído o quadro teórico que contextualiza o tema no Brasil. A seguir, foi tratada a conjuntura deste processo no âmbito da instituição estudada e os dados foram coletados. A partir destes resultados, foi realizada uma contraposição do modelo proposto por Rudzki (1998), buscando verificar se as etapas descritas no processo realizado na instituição estudada correspondem àqueles propostos pelo autor.

A partir dos dados, o processo de formalização dos convênios foi mapeado e elaborado um fluxograma, a fim de facilitar a análise do processo como um todo. A coleta foi realizada por meio de consultas ao *site* da UFSC e, em especial, da Secretaria de Relações Internacionais (SINTER) da Instituição.

Os processos foram transpostos para um fluxograma utilizando-se técnicas de *Business Process Management* (BPM) e notação *Business Process Modeling Notation* (BPMN). BPM é uma forma de mapear fluxos de trabalho em organizações, enquanto BPMN é entendido como uma notação de fácil entendimento por todos os envolvidos no negócio (JULIATTO et al., 2012).

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso descritivo, pois não permite uma quantificação direta de variáveis por meio de recursos estatísticos. A análise dos dados foi feita através de uma abordagem dedutiva, que, conforme explica Barral (2003), é uma proposição teórica geral e aplicada a um caso particular.

Devem ser consideradas como limitações do estudo o escopo reduzido a uma parte da organização, que pode ter uma realidade diferente de outras. Nem todas as informações podem estar disponíveis nas fontes consultadas e a pesquisa contemplou a realidade de um período específico, que pode sofrer redirecionamentos da gestão.

5 | MAPEAMENTO DE PROCESSOS E FORMALIZAÇÃO DE ACORDOS DE COOPERAÇÃO

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é uma autarquia de regime especial, vinculada ao Ministério da Educação (MEC), uma instituição de educação superior e pesquisa, com sede em Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina (UFSC, 2015a). Os acordos são conduzidos pela Secretaria de Relações Internacionais (SINTER) que

tem por objetivos primordiais promover a interação com organismos e instituições internacionais de Ensino Superior, apoiar e implementar acordos de cooperação técnica, científica e cultural, bem como viabilizar o intercâmbio de estudantes, professores e servidores técnico-administrativos (UFSC, 2015b).

Segundo UFSC (2015b), a instituição possui uma política ativa de internacionalização, tendo viabilizado o intercâmbio no exterior de aproximadamente 1.400 estudantes no segundo semestre de 2014, recebendo 450 estudantes

estrangeiros. A Instituição participa de diversos programas de mobilidade acadêmica internacional como o Ciência sem Fronteiras, Erasmus, Escala AUGM, PEC-G e PEC-PG, Pró-Haiti, entre outros. Recentemente foi contemplada com financiamento do Programa CAPES-PRINT.

Até o ano de 2014, a Instituição mantinha 403 convênios firmados com Instituições localizadas em mais de 50 países. Por meio desses acordos de cooperação, a política de internacionalização da UFSC busca promover excelência científica e tecnológica do país e proporcionar solidariedade entre os povos, com ações articuladas de modo a obter consonância com os objetivos do ensino de graduação e pós-graduação, da pesquisa e da extensão, elevando a qualidade acadêmica da instituição. A seguir (FIGURA 2) a distribuição destes convênios por continente (UFSC, 2015b):

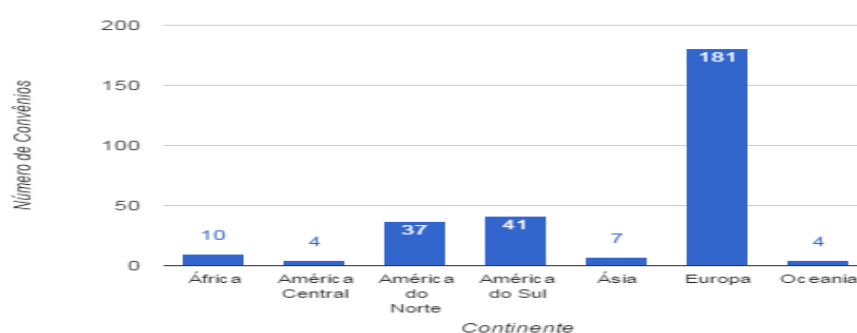


FIGURA 2: DISTRIBUIÇÃO DOS CONVÊNIOS POR CONTINENTE

FONTE: UFSC (2015b).

Observa-se na distribuição dos convênios por continente, o predomínio de acordos firmados com instituições europeias, que representam mais da metade do total.

Segundo UFSC (2015b), são propostos dois modelos para formalização de convênios entre a UFSC e alguma instituição de Ensino Superior estrangeira: quando o acordo é proposto localmente, mediante solicitação de algum docente da própria UFSC, ou quando esta é proposto por algum representante da instituição estrangeira.

A diferença está na primeira etapa, que diferencia proponentes estrangeiros de proponentes da UFSC. As etapas são as seguintes:

- 1) Proponentes UFSC devem submeter por e-mail o Formulário de Solicitação, contendo as justificativas circunstanciadas e a assinatura do setor de origem (chefe do departamento ou coordenador da pós-graduação), indicando a data de aprovação no respectivo colegiado. Proponentes estrangeiros deverão submeter por e-mail, preferencialmente, o *Agreement Proposal Form*.
- 2) O Coordenador de convênios internacionais da SINTER avaliará o mérito das propostas, de acordo com os critérios definidos.
- 3) Após a aprovação de mérito, a SINTER se encarregará de negociar

diretamente com a IES os termos do convênio.

4) Antes da coleta das assinaturas, por exigência da legislação brasileira, o documento deverá passar ainda por análise jurídica da Procuradoria Federal.

5) Após a coleta de assinaturas, o proponente será comunicado e o convênio será divulgado pela SINTER.

6) No caso de editais que exijam convênios ou acordos, os proponentes serão responsáveis pelo correto encaminhamento de sua proposta dentro dos prazos necessários.

7) Casos especiais serão considerados individualmente (UFSC, 2015b).

Os dois modelos são bastante semelhantes e, portanto, serão analisados de forma unificada.

O resultado desta transposição é o seguinte:

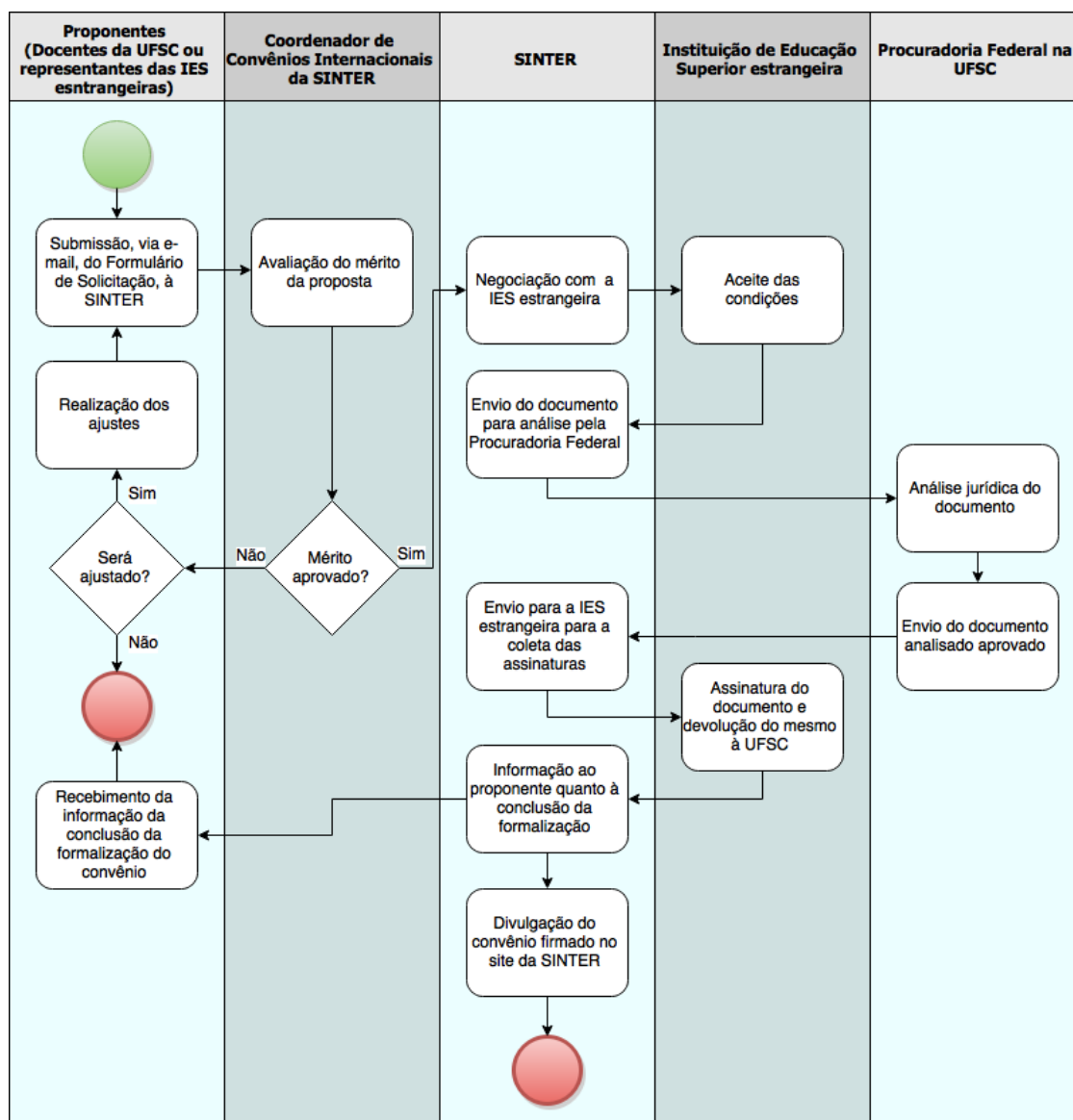


FIGURA 3: FLUXOGRAMA DE FORMALIZAÇÃO DE CONVÊNIO COM IES ESTRANGEIRA

FONTE: Adaptado de UFSC (2015).

Conforme pode ser observado, SINTER analisa as propostas, com a finalidade de verificar se apresenta interesse institucional e se não contraria a política de internacionalização da UFSC (UFSC, 2015b). Os critérios são:

- 1) Qualidade da instituição estrangeira (IE) – história, porte, estrutura, produção científica e estrutura de internacionalização.
- 2) Preenchimento de vazios geográficos e solidariedade – convênios com instituições da América Central e do Sul, África, Ásia e Oceania e em países nos quais a UFSC ainda tenha representação incipiente ou inexistente.
- 3) Existência de ações concretas de cooperação (histórico, projetos acadêmicos, redes, pedidos de financiamento, etc.) que garantam a efetividade do convênio.
- 4) Reciprocidade de condições e termos do convênio.
- 5) Abrangência de áreas de conhecimento (que o convênio seja aberto a todos os departamentos) e de nível acadêmico (graduação e pós-graduação).
- 6) Caráter institucional – as propostas previamente aprovadas pelo setor responsável pela origem (departamento, centro de ensino, curso de pós-graduação, etc.)
- 7) Comprometimento financeiro – aporte financeiro externo assegurado.
- 8) Isenção de taxas – os convênios devem prever isenção mútua de quaisquer taxas.
- 9) Renovação – convênios não serão automaticamente renováveis. (UFSC, 2015b)

Comparando com o modelo de Rudzki (1998), pode-se afirmar que a SINTER executa o processo de internacionalização, com relação à formalização de seus convênios, de maneira similar até o terceiro estágio do modelo (avaliação do contexto, a abordagem e a verificação das razões para a formalização do convênio).

A existência de uma secretaria dedicada a tratar das ações de internacionalização na instituição demonstra um direcionamento à quarta etapa do modelo de Rudzki (1998), especialmente com relação às mudanças organizacionais, como a criação de setores administrativos específicos de apoio à mobilidade estudantil. Isto pode ser corroborado também pelo número de estudantes recebidos e enviados por intermédio de intercâmbio com instituições estrangeiras, evidenciando a mobilidade estudantil que está referenciada no quarto estágio proposto por Rudzki (1998). No entanto, fica evidente que a instituição estudada ainda carece de informações sobre os investimentos no monitoramento e na avaliação dos resultados da cooperação, a exemplo do que é proposto por Rudzki (1998) nos demais estágios de seu modelo.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo abordou o processo de formalização de acordos de cooperação internacional realizados pela Secretaria de Relações Internacionais (SINTER) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Os dados coletados apresentaram um significativo número de convênios firmados e um processo de formalização que acompanha em grande parte o modelo proposto por Rudzki (1998). Como algumas informações não estavam disponíveis, não foi possível verificar se há monitoramento da materialização dos convênios firmados, bem como dos resultados, visto que há incidência de acordos que não geram resultados. Observou-se que há uma sequência definida na formalização dos acordos de cooperação internacional e o fluxograma explicitou tal rotina.

Como proposta para próximos trabalhos, recomenda-se um aprofundamento do estudo com entrevistas com os gestores e participantes do processo, a fim de detalhar características e complementar informações não disponíveis no momento atual, que poderão identificar a necessidade de ajustes e melhorias.

REFERÊNCIAS

ANDIFES - Programa de Expansão, Excelência e internacionalização das universidades federais. Brasília, 2012. Disponível em <http://www.andifes.org.br/wp-content/files_flutter/1360930928PEEXIU.pdf>. Acesso em 25 abr. 2016.

ANDIFES – FORUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PÚBLICAS BRASILEIRAS COMISSÃO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS. **Programa de internacionalização da Extensão Universitária (Minuta da Proposta)**. Palmas (TO), 06 a 09 nov. 2013. Disponível em <http://wp.ufpel.edu.br/prec/files/2013/11/inter_ext.pdf>. Acesso em 25 abr. 2016.

BARRAL, Welber. **Metodologia da pesquisa jurídica**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2003.

BEELEN, Jos. Left to Their Own Devices: The Role and Skills of Academics in Partnerships for the Future. In: JOOSTE, Nico; DE WIT, Han; HELETA, Savo (Ed.). **Higher Education: Partnerships for the Future**. Porto Elizabeth: Unit for Higher Education Internationalisation in the Developing World, 2015. p. 47-61.

BERLINCK, M. T. O método científico nos primórdios da Universidade: o caso de Andreas Vesalius de Bruxelas. **Revista Ensino Superior**, Campinas, v.11, n.123, p.51-64, 24 out. 2013. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/ed11_outubro2013/HISTORIA.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2015.

DAL-SOTO, F. et al. Processos de Internacionalização de Instituições de Ensino Superior (IES) do Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas. In: **XXXVII EnANPAD**, 2013, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: ANPAD, 2013. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_ESO1323.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2015.

Declaração de Bolonha. 1999. Disponível em: <http://www.ond.vlaanderen.be/hogeronderwijs/bologna/links/language/1999_Bologna_Declaration_Portuguese.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2015.

DE WIT, Hans. Partnerships for the Future: Trends, Challenges and Opportunities. In: JOOSTE, Nico; DE WIT, Hans; HELETA, Savo (Ed.). **Higher Education: Partnerships for the Future**. Port Elizabeth:

Unit for Higher Education Internationalisation in the Developing World, 2015. p. 47-61.

GACEL, J.; ÁVILA, R. Universidades latinoamericanas frente al reto de la internacionalización. **Casa del Tiempo**, Cidade do México, v. 1, n. 9, p.2-8, jul. 2008. Disponível em: <http://www.difusioncultural.uam.mx/casadeltiempo/09_iv_jul_2008/casa_del_tiempo_eIV_num09_02_08.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2015.

HAGENMEIER, Cornelius. Ensuring Equality in Higher Education Partnerships Involving Unequal Universities in Divergent Contexts. In: JOOSTE, Nico; de WIT, Han; HELETA, Savo (Ed.). **Higher Education: Partnerships for the Future**. Porto Elizabeth: Unit for Higher Education Internationalisation in the Developing World, 2015. p. 41-46.

HUDZIK, John K. Strategic Institutional Partnerships and Comprehensive Internationalisation. In: JOOSTE, Nico; WIT, de Han; HELETA, Savo (Ed.). **Higher Education: Partnerships for the Future**. Porto Elizabeth: Unit for Higher Education Internationalisation in the Developing World, 2015. p. 23-39.

JOOSTE, Nico. Higher Education Partnerships for the Future: A View from the South. In: JOOSTE, Nico; de WIT, Hans; HELETA, Savo (Ed.). **Higher Education: Partnerships for the Future**. Porto Elizabeth: Unit for Higher Education Internationalisation in the Developing World, 2015. p. 11-21.

JULIATTO, Dante Luiz et al. Implantação de modelo de gestão baseada em processos em uma universidade federal. In: **XIX Simpósio de Engenharia de Produção**, 2012, Bauru. Anais. Bauru: UNESP, 2012.

KNIGHT, Jane. International Universities: Misunderstandings and Emerging Models? **Journal of Studies in International Education**, [s.l.], v. 19, n. 2, p.107-121, 23 fev. 2015. SAGE Publications. DOI: 10.1177/1028315315572899.

_____. The changing landscape of higher education internationalisation: for better or worse? **Perspectives: Policy and Practice in Higher Education**, Manchester, v. 17, n. 3, p.84-90, fev. 2013.

LEITE, Denise; GENRO, Maria Elly Herz. Avaliação e internacionalização da Educação Superior: Quo vadis América Latina?. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 17, n. 3, p.763-785, nov. 2012.

MOROSINI, Marília C. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: Conceitos e práticas. **Educar**, Curitiba, v. 28, p.107-124, jul. - dez. 2006.

ORTIZ, J. International Business Education in a Global Environment: A Conceptual Approach. **International Education Journal**, Adelaide, v. 5, n. 2, p.255-265, jul. 2004. Disponível em: <<http://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ903853.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

RUDZKI, Romuald Edward John. **The strategic management of internationalization: towards a model of theory and practice**. 1998. 331 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia na Faculdade de Educação, University of Newcastle upon Tyne, Reino Unido, 1998.

SILVA, Darly Henriques da. Cooperação internacional em ciência e tecnologia: oportunidades e riscos. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 50, n. 1, p.5-28, jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292007000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 jun. 2015.

SOUZA, Eduardo P. de; FLEURY, Maria Tereza L. **Estratégias e Competências para a Internacionalização de Instituições de Ensino Superior do Brasil**. In: XXXIII EnANPAD, 2009, São Paulo. Trabalhos Apresentados. Rio de Janeiro: ANPAD, 2009. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/ESO3200.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

STALLIVIERI, Luciane. **As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade**

acadêmica internacional. 2009. 234 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Línguas Modernas, Universidad del Salvador, Buenos Aires, 2009.

TEICHLER, Ulrich. Mutual Recognition and Credit Transfer in Europe: Experiences and Problems. **Journal of Studies in International Education**, [s. l.], v. 7, n. 4, p.312-341, winter 2003.

UNESCO. **Educação superior: reforma, mudança e internacionalização.** Anais. Brasília: UNESCO Brasil, SESU, 2003. 208 p.

UNIÃO EUROPEIA. **Processo de Bolonha: estabelecimento do Espaço Europeu do Ensino Superior.** Disponível em: <http://europa.eu/legislation_summaries/education_training_youth/lifelong_learning/c11088_pt.htm>. Acesso em: 20 jun. 2015.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). **Política de internacionalização do ensino e da pesquisa.** São Paulo, 2009. Disponível em <<http://www.eefe.usp.br/arquivos/internacional/pol-internacionalizacao-eefe.pdf>> Acesso em 25 abr. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). **Estatuto.** Florianópolis, 2015a. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/99561/Estatuto2013.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 jul. 2015.

_____. **SINTER.** Florianópolis, 2015b. Disponível em: <<http://sinter.ufsc.br>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

VEIGA, R. **Internacionalização das instituições de ensino superior em Portugal: proposta de metodologia para a construção de indicador do grau de internacionalização.** 2012. Dissertação (Mestrado em Negócios Internacionais) – Escola Superior de Tecnologia e Gestão (ESTG) do Instituto Politécnico de Leiria, Leiria, 2012.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-461-0

